



A nossa vida para além do défice



DOMINGUES DE AZEVEDO

Bastonário da Ordem dos Técnicos Oficiais de Contas

Terminaram as férias e pelos vistos também terminou a ilusão que o Governo foi alimentando nos portugueses de que os sacrifícios estavam realmente a valer a pena. A expressiva derapagem no défice foi o golpe de misericórdia numa estratégia que dificilmente, desde o início se viu, terminaria da melhor maneira.

A 28 de setembro do ano passado, nesta mesma coluna do “Diário Económico”, conclui o meu artigo da seguinte forma: “(...) Acontece que mesmo com esforço e sacrifícios, poderemos não morrer da doença, mas tenho muitas dúvidas que sobreviveremos à cura”.

Não me dá particular orgulho recordar premonitórias palavras, apenas quis manifestar a minha opinião, em jeito de alerta. E o que é que eu quis dizer? O tempo simplesmente confirmou os piores presságios. Portugal vai sobreviver à terapia, mas com sequelas para muitos anos.

O país que sai deste brutal ajustamento que nos aplicaram está mais frágil, mais desprotegido, com uma legião de desempregados, milhares de empresas que declaram falência, receitas fiscais em queda, fraude e evasão fiscais em alta.

E, na essência, o Governo falhou a sua estratégia cega de ir além da ‘troika’ e de acelerar o processo de ajustamento.

O pecado original deve ser identificado aquando da assinatura dos termos do memorando e a subserviência demonstrada quanto às soluções apresentadas, todas elas com uma visão demasiado fundamentalista nos aspetos financeiros, descurando o impacto negativo que a curto/médio prazo teriam no coração da economia portuguesa.

Insistiu-se em recuperar a economia em três anos, depois de mais de três décadas de desmandos que ainda estamos e continuaremos a pagar com língua de palmo.

Apostou-se tudo num objetivo instrumental, o défice, e descurou-se por completo a aposta numa estratégia de futuro, pelo menos que não violentasse em demasia o tecido económico. Mas há vida para além do défice? Claro que sim, mas não é francamente animadora.

Enquanto isso, os nossos credores, ou os senhores da ‘troika’, se preferirem, desdobram-se em reuniões em plena quinta avaliação do cumprimento do plano de ajustamento, por quase todos apelidado de determinante para o futuro de Portugal e especialmente para o que será, em substância, o Orçamento do Estado para 2013.

Salvo passe de mágica, espera-nos uma de duas soluções: ou a ‘troika’ flexibiliza as metas traçadas e concede-nos alguma tolerância de tempo ou então preparemo-nos para mais austeridade, fazendo definhir ainda mais particulares e empresas. Mais do mesmo, certamente.

O que é confrangedor é ver um povo historicamente engenhoso e criativo, universalmente conhecidos pela rara mestria em ultrapassar dificuldades, sem esperança e aprisionado por uma teia que a todos imobiliza.

Na próxima semana ouviremos da boca do ministro Vítor Gaspar os resultados da quinta avaliação. Até lá resta-nos alimentar alguma dose de especulação sobre as próximas etapas. Que trunfos vai Passos Coelho tirar da cartola? Certamente que não voltará a repetir que a recuperação começa em 2013. ■

artigo redigido segundo o novo acordo ortográfico

O tempo simplesmente confirmou os piores presságios. Portugal vai sobreviver à terapia, mas com sequelas para muitos anos.

Há vida para além do défice? Claro que sim, mas não é francamente animadora.